

A escrita contemporânea de Tereza Albués: uma análise do conto *Buquê de Línguas*

Kamily Santana Silveira¹

Resumo: Este artigo analisa o conto *Buquê de Línguas* do livro homônimo, de Tereza Albués, investigando como a autora articula uma estética pós-moderna para representar a complexidade da experiência humana em um contexto de globalização e fragmentação identitária. A narrativa, ambientada em um metrô de Nova York paralisado por uma explosão, serve como microcosmo para explorar temas como terrorismo, tecnologia, multiculturalismo e o colapso das grandes narrativas modernas. A fundamentação teórica apoia-se em Leyla Perrone-Moisés, em Gisèle Manganelli Fernandes, Júlio Cortázar e no estudo de Kátia Aparecida Pimentel.

Palavras-chave: Literatura mato-grossense; Contemporâneo; Nova York; Homem moderno.

Abstract: This article analyzes the short story *Buquê de Línguas* from the book of the same name by Tereza Albués, investigating how the author articulates a postmodern aesthetic to represent the complexity of human experience in a context of globalization and identity fragmentation. The narrative, set in a New York subway paralyzed by an explosion, serves as a microcosm to explore themes such as terrorism, technology, multiculturalism, and the collapse of grand modern narratives. The theoretical framework is based on the work of Leyla Perrone-Moisés, Gisèle Manganelli Fernandes, Julio Cortázar, and the study by Kátia Aparecida Pimentel.

Keywords: Mato Grosso literature; Contemporary; New York; Modern man.

Introdução

Desde sua estreia literária, Tereza Albués se apresenta como uma andarilha em busca de seu *eu* essencial. Sua obra, profundamente enraizada na cultura e história do estado de Mato Grosso, usa a linguagem para transformar o microcosmo local em um universo romanesco singular, mostrando um Brasil primitivo com uma passagem tardia para a modernidade. Sua escrita é caracterizada por uma visão de mundo fronteira, que oscila entre dualidades como o natural e sobrenatural, real e irreal, e vida e morte (Pimentel, 2021).

¹ Graduanda do 7º semestre do curso de Letras – Português/Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) campus de Pontes e Lacerda – MT. E-mail: ksantanasilveira2@gmail.com

A autora nasceu em Várzea Grande (MT), em 24/08/1936. Em 1980 mudou-se para os Estados Unidos e lá viveu até seus últimos dias terrenos, quando faleceu em 2005. Embora integrada à vida americana, a escritora continuou ligada ao Brasil e suas raízes culturais continuavam fixadas em solo brasileiro. Ela escreveu seus livros em português e publicou-os em editoras brasileiras. Sua estreia como romancista foi em 1987 com *Pedra Canga* [...] (Pimentel, 2021, p. 11).

Suas obras frequentemente abordam temáticas ligadas à memória, as relações familiares e a uma perspectiva centrada em experiências femininas. Nesse sentido, o conto “*Buquê de Línguas*”, que inaugura e nomeia o livro de contos lançado em 2008, se configura como um texto representativo de seu projeto literário, no qual elementos formais e temáticos se unem. A narrativa em questão constrói um universo simbólico que problematiza o papel da linguagem na formação subjetiva do ser, estabelecendo-se como objeto de análise central para este artigo.

Partindo da análise do conto “*Buquê de Línguas*”, de Tereza Albues, este artigo busca investigar como a autora articula elementos característicos da escrita pós-moderna para representar a complexidade da experiência humana em um contexto de globalização e fragmentação identitária. O conto, ambientado em um metrô em Nova York, onde personagens de diversas origens culturais são confrontados com uma explosão, levanta questões fundamentais sobre tecnologia, multiculturalismo, terrorismo e a desestabilização de narrativas lineares. Diante disso, problematiza-se: de que maneira Albues utiliza recursos estilísticos pós-modernos, como a polifonia, a intertextualidade e a quebra de linearidade, para explorar temas como o colapso da racionalidade moderna, a hibridização cultural e a sensação de impotência do indivíduo frente a sistemas macros?

Este artigo defende que, no conto, a autora constrói uma narrativa que reflete criticamente a condição pós-moderna, utilizando-se dos temas acima citados para evidenciar a fragilidade das estruturas modernas e a emergência de identidades fluidas e fragmentadas. A tese central sustenta que Albues emprega uma estética pós-moderna (marcada pela justaposição de vozes, pela descontinuidade temporal e pela intertextualidade) não como mero experimentalismo formal, mas como expressão de um mundo onde a ordem é constantemente desafiada pelo caos e onde a subjetividade se reconstrói em meio a sistemas falidos. Dessa forma, o conto se configura como um microcosmo das tensões contemporâneas, revelando como a linguagem e a literatura podem dar voz ao descentramento e à pluralidade que definem a experiência humana na pós-modernidade.

Para a fundamentação teórica e desenvolvimento deste artigo, serão utilizadas as contribuições de Leyla Perrone-Moisés, em sua obra *Mutações da literatura no século XXI* (2016), que analisa as transformações e novos rumos da produção literária contemporânea, e o capítulo *O pós-modernismo*, de Gisèle Manganelli Fernandes, constante do livro *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas* (2009), o qual oferece um delineamento conceitual preciso sobre as características estéticas e temáticas do movimento pós-moderno na literatura. A articulação dessas duas referências e outras demais, permitirá estabelecer um quadro teórico robusto para examinar, de forma contextualizada, as estratégias narrativas e os temas pós-modernos presentes no conto “Buquê de Línguas”, de Tereza Albues.

O conto e a Literatura contemporânea

Para compreender as problematizações feitas por Tereza Albues em “Buquê de Línguas”, faz-se necessário, primeiramente, entender o cenário da Literatura contemporânea do século XXI e, principalmente, a escolha do gênero narrativo realizado pela autora: o conto (muito comum na produção literária atual). Todos esses aspectos (teóricos e formais) auxiliam na interpretação desse microcosmo literário criado por Albues.

Sendo assim, como defendido por Leyla Perrone-Moisés em *Mutações da literatura no século XXI* (2016):

Portanto, ao falar de literatura, a primeira precaução consiste em precisar em que sentido a palavra é empregada. A literatura de que aqui falamos é a que foi definida em meados do século XVIII, quando a palavra deixou de significar o conjunto da cultura letrada para designar uma atividade particular, uma prática de linguagem separada (e superior) das outras práticas verbais, uma arte e um meio de conhecimento específicos (Perrone-Moisés, 2016, p. 19).

Nesse momento, a literatura contemporânea opera em um paradoxo: se no século XVIII a literatura se afirmou como uma prática autônoma e “superior”, hoje ela vive sob a pressão contínua de questionar seus próprios limites. A arte literária, entendida como meio de conhecimento específico, não se impede em dialogar intensamente com outras linguagens,

como o cinema, a música e, recentemente, as narrativas das redes sociais e os games, muitas vezes ultrapassando as fronteiras que um dia a definiram.

A diversidade de escolhas estéticas impede-nos de apresentar uma estética pós-moderna definitiva, pois as experimentações com a linguagem têm sido uma das características marcantes deste período. Notamos a ocorrência de letras maiúsculas, itálico, trechos que parecem tirados de telegramas, frases curtas, espaços em branco, parágrafos de tamanhos diversificados, entre outras formas de escrita (Maganelli, 2021, p. 303).

Assim, a especificidade contemporânea reside menos em uma “pureza linguística” e mais na capacidade de absorver, criticar e moderar o ruído do mundo, transformando-o em experiência estética e reflexiva. A própria ideia de “superioridade” dá lugar a uma investigação sobre o lugar da subjetividade e da linguagem artística em um mundo saturado de discursos.

As manifestações artísticas refletem este momento tão diversificado pelo qual a sociedade passa, o anunciado pós-moderno. Diante das inúmeras possibilidades de escolhas estéticas em relação à linguagem como letras maiúsculas, itálico, trechos que surgem tirados de telegramas, frases curtas, espaços em brancos, parágrafos de tamanhos diversificados, entre outras formas escritas, não há a possibilidade de se apresentar uma estética pós-moderna definitiva (Fernandes, 2019 *apud* Pimentel, 2021).

Nesse contexto, a prática literária mantém-se como um espaço singular de conhecimento justamente por sua consciência histórica e formal. Sabe-se como produto de uma tradição que a instituiu como arte da palavra, mas usa essa herança não para se enclausurar, e sim para realizar experimentações radicais com a forma, o tempo, a personagem e a própria ideia de narrativa. Se no século XVIII a literatura se separou para se afirmar, hoje ela se mistura para se reafirmar, explorando sua capacidade única de organizar a experiência humana de modo complexo, ambíguo e profundamente simbólico.

Dessa forma, a literatura contemporânea cumpre seu papel específico de conhecimento não oferecendo respostas fáceis, mas elaborando as perguntas mais urgentes de nosso tempo através da matéria-prima que a define desde sua fundação moderna: a linguagem trabalhada com intenção artística. Gisèle Manganelli Fernandes no capítulo *O Pós-Modernismo* presente

no livro *Teoria literária – Abordagens históricas e tendências contemporâneas* traz a seguinte definição para a escrita Pós-Moderna:

A temática diversificada de pontos que são tratados por escritores considerados pós-modernos inclui: conspiração, tecnologia, poder da mídia, poder da imagem, televisão, cultura popular, multiculturalismo, retorno crítico à História, consumismo, sociedade de vigilância, tragédia nuclear, poder do capital, terrorismo, paranoia, religião, morte. A intertextualidade é uma característica essencial do Pós-Modernismo, pois textos já produzidos surgem em outros textos, mas em um novo contexto (Maganelli, 2021, p. 303).

Essa gama temática reflete a percepção pós-moderna de um mundo fragmentado, complexo e hiper conectado, no qual as grandes narrativas totalizantes perderam sua credibilidade. Autores pós-modernos não se limitam a um único assunto, mas entrelaçam esses temas para criticar estruturas de poder, questionar a objetividade da realidade e explorar a subjetividade humana em meio ao fluxo incessante de informações.

A intertextualidade, nesse sentido, opera como uma técnica central que materializa essa visão de mundo que reapropria, cita ou faz paródia de textos preexistentes (sejam literários, históricos, jornalísticos ou da cultura de massa), como é possível observar no conto de Albuês que traz referências bíblicas para estabelecer uma comparação entre a realidade complexa do homem moderno e os constantes medos urbanos: “a figura bíblica de Jonas sendo vomitado pela baleia numa praia deserta me vem à mente” (Albuês, 2008, p. 23). A própria analogia que o leitor estabelece com a narração bíblica da torre de Babel com o vagão lotado, onde os personagens expurgam seus medos através de suas línguas maternas (e aprendem a se comunicar a partir disso), demonstra a genialidade de Albuês como uma escritora contemporânea.

Sendo assim, a literatura pós-moderna evidencia que nenhuma criação é original ou isolada, mas sim parte de uma rede infinita de significados, constantemente recontextualizada e ressignificada à luz das crises e dos paradoxos da contemporaneidade.

Além do mais, o conto “Buquê de línguas” é um exemplo magistral do que Júlio Cortázar definiu como a essência do gênero: “O contista sabe que não pode proceder acumulativamente; que não tem o tempo por aliado; seu único recurso é trabalhar em profundidade, verticalmente [...]” (Cortázar, s.d, p. 152). Em um cenário claustrofóbico de

metrô paralisado, Tereza Albués desmonta a linearidade do tempo e a segurança do espaço, fazendo do vagão não apenas um ambiente físico, mas uma metáfora do mundo globalizado: um lugar de encontros forçados, medos compartilhados e linguagens que se chocam e se entrelaçam. A escrita fragmentada, com seus silêncios e ritmos quebrados, não é mero formalismo, mas uma estratégia estética para que o leitor sinta na pele a desorientação e a busca por sentido em meio ao caos.

É justamente essa capacidade de concentrar grandes questões existenciais e sociais em um formato reduzido que faz do conto o gênero literário mais comum e famoso no século XXI. Em uma era marcada pelo imediatismo digital, pela atenção fragmentada e pela circulação rápida de conteúdo, a narrativa curta se adapta perfeitamente ao ritmo acelerado da vida contemporânea. Como “Buquê de línguas” demonstra, o conto não perde em densidade ou relevância; pelo contrário, ele potencializa seu impacto ao operar com precisão e profundidade, ecoando a urgência e a concisão que a tecnologia e a cultura do nosso tempo tanto demandam.

Análise do conto

Para contextualizar o leitor, será apresentado abaixo um breve resumo do conto.

Ambientado em um vagão de metrô de Nova York, a narrativa relata a experiência de um grupo de passageiros de diferentes nacionalidades que ficam presos no trem após uma explosão não identificada. A situação desencadeia um clima de tensão, medo e incerteza entre os personagens, até o momento em que são liberados do vagão e, desse momento em diante, passam a seguir suas vidas normalmente. Ao final do conto, a narradora deixa claro que, ao ouvir o noticiário da noite, foi confirmado que a explosão vivida no metrô naquele dia, havia sido um ataque terrorista.

Durante o episódio, são introduzidas diversas vozes e interações em múltiplos idiomas (incluindo português, inglês, espanhol, italiano, alemão, romani e outros) representando a diversidade cultural presente no espaço confinado. A explosão inicial gera suspeitas de ataque terrorista, o que amplia o clima de paranoia e desconforto. A estrutura narrativa apresenta fragmentação textual, com uso de espaços em branco, mudanças abruptas de ritmo e

disposição gráfica diferenciada das palavras, refletindo a desorientação e o caos vivenciados pelas personagens. A linguagem utilizada alterna entre relatos em primeira pessoa, diálogos curtos e descrições impressionistas da situação no vagão.

A obra aborda temas como o impacto da tecnologia no cotidiano urbano, o multiculturalismo em contextos de tensão, a sensação de vulnerabilidade frente a eventos inesperados e a busca por comunicação em meio ao colapso da normalidade. A narrativa não segue uma linearidade convencional, permitindo que o leitor vivencie a mesma sensação de fragmentação e urgência experimentada pelos passageiros.

A escrita de Tereza Albues revela-se contemporânea em muitos aspectos:

A explosão sacudiu o mundo nosso, na linha D do metrô. O trem lotado freou de repente, rangendo. [...] Parada entre duas estações no túnel escuro, portas trancadas, a máquina resfolegava feito um dragão raivoso, expelindo fumaça pelos olhos que não possuía. Enlatados no vagão, tornamo-nos prisioneiros circunstanciais da tecnologia, política, destino (Albues, 2008, p. 13).

No conto, a imagem do trem, que antes sugeria deslocamento e globalização, se transforma aqui em uma armadilha claustrofóbica. A tecnologia, representada pelo metrô, não é mais um símbolo de progresso, mas uma força descontrolada e opressora. A "explosão" que sacode o mundo das personagens metaforiza o colapso da ordem e da racionalidade moderna. O trem, personificado como um "dragão raivoso", já não serve ao homem; pelo contrário, ele se volta contra ele, transformando os indivíduos em "prisioneiros circunstanciais da tecnologia, política, destino". E essa frase final sintetiza a visão pós-moderna: o sujeito é visto como impotente diante dos sistemas macros que ele mesmo criou, sendo a tecnologia um deles. Além da representação simbólica do trem, observa-se o multiculturalismo sendo representado nos vários personagens do conto:

Com certeza a minha pele morena, cabelos pretos e lisos, olhos enormes e redondos, boca sensual, brincos pingentes, saia comprida de algodão vermelho o fazem pensar que venho daquele país. Antes que eu lhe responda, sou da América do Sul (Albues, 2008, p. 13).

E daí ela parou de falar inglês, gesticulava e esbravejava em alemão, [...] (Albues, 2008, p. 14).

Che bello! [...] ragazza (Albues, 2008, p. 18).

Uma moça indiana segredou-me, entredentes: eles estão brigando em *romani* (Albues, 2008, p. 20).

E o grupo de cubanos, tentando um brado mais alto: *Cuba libre!* (Albues, 2008, p. 21).

Além desses personagens, aparecem também um dançarino de balalaica russo, um cigano, um homem falando inglês com sotaque brasileiro; um poeta francês (que proclama sua poesia em sua língua), um iraniano e um casal de chineses. Percebe-se que o vagão, enquanto espaço de confinamento, transforma-se em uma arena de diversidade cultural forçada, em que a protagonista sul-americana é imediatamente categorizada pela sua aparência, iniciando um mosaico de vozes que desestabiliza qualquer noção de identidade fixa ou pureza cultural. Esse "buquê" de nações e línguas se manifesta no caos polifônico de trechos como o esbravejar em alemão, as exclamações em italiano, a conversa secreta em romani, o grito político em espanhol e as presenças do russo, do francês, do iraniano e dos chineses. Albues, assim, não apresenta o multiculturalismo como uma harmonia, mas como uma justaposição tensa e fragmentária, onde as diferenças são simultaneamente expostas e confinadas, mostrando que o sujeito contemporâneo é constituído por esse trânsito e por esse choque de pertencimentos, uma característica fundamental da sensibilidade pós-moderna.

Convivendo com o multiculturalismo e a globalização, o medo urbano do terrorismo torna-se real no cotidiano dos moradores das grandes cidades, como é o caso da narradora (e dos demais personagens) no conto. É possível observar esse pavor logo no início do conto. E ao final, o leitor é surpreendido com o desvelar da narradora (em um estranho tom de naturalidade).

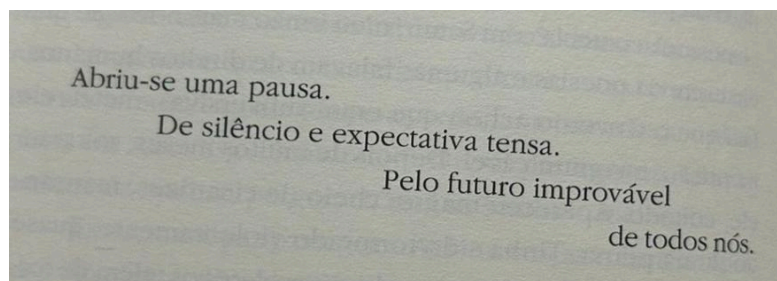
Uma segunda explosão estoura mais próxima do que a primeira; estaríamos sendo atacados por terroristas? Em New York? Está maluca? Não estamos no Irã, exclama nervoso um velho de barbicha azulada, óculos de aros dourados, terno cinza, me olhando com desdém (Albues, 2008, p. 13).

À noite, escuto o noticiário. Tinha sido mesmo uma bomba (Albues, 2008, p. 24).

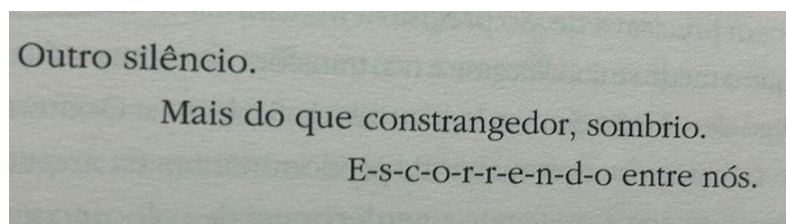
A ameaça do terrorismo é apresentada como uma força desestabilizadora típica da condição pós-moderna, impregnando a narrativa com um clima de insegurança coletiva. A simples suspeita que surge após a explosão, encapsula o medo e a percepção de um risco

iminente e indiscriminado que caracteriza o imaginário contemporâneo. A reação imediata do velho, que localiza geograficamente a ameaça, evidencia como o terrorismo constrói e alimenta estereótipos, criando fronteiras imaginárias em um mundo já globalizado. Por fim, a confirmação factual do noticiário coroa essa visão fragmentada e traumática da realidade, solidificando o terrorismo não como um evento isolado, mas como uma sombra permanente sobre a vida urbana, um elemento intrínseco à percepção de um mundo onde a ordem pode ser subvertida a qualquer momento pela violência inexplicável.

Neste momento, partiremos da análise do conteúdo para uma breve observação da estrutura do conto, para enfatizar e mostrar que as características da escrita contemporânea estão presentes na obra de Albues. Nas imagens que serão apresentadas abaixo (retiradas do conto), é possível observar a quebra da linearidade textual realizada pela autora. Nos textos contemporâneos, a linearidade é quebrada pela fragmentação e pela multiplicidade de percursos de leitura. O leitor é convidado a navegar por hiperlinks, imagens, colagens e interações, uma espécie de “mistura de gêneros textuais”, rompendo com a sequência tradicional de início-meio-fim, e esse rompimento com a estrutura tradicional reflete a complexidade do homem moderno.



(Albues, 2008, p. 18)



(Albues, 2008, p. 15)

Vale ressaltar que, para este momento da análise, foram anexados apenas dois trechos do conto, visto que há outros mais. Sendo assim, o conto de Tereza Albués, exemplifica a quebra da linearidade pós-moderna através de uma estrutura fragmentada que reflete o trauma coletivo de um atentado. Seguindo a observação de Fernandes (2019) sobre as múltiplas possibilidades estéticas da pós-modernidade, a narrativa utiliza parágrafos de tamanhos variados, espaços em branco, ritmo cadenciado e recursos gráficos, como a palavra "E-s-c-o-r-r-e-n-d-o" hifenizada para materializar visualmente a desorientação e o pânico no metrô. Essa descontinuidade narrativa, que apresenta o caos do terrorismo, não é um mero experimentalismo, mas uma forma de fazer o leitor vivenciar a ruptura violenta da normalidade e a frágil reconstrução de sentido em um mundo fragmentado.

Considerações Finais

A análise do conto "Buquê de Línguas" evidencia a maestria de Tereza Albués em capturar, por meio de uma narrativa concentrada e fragmentária, as tensões da experiência humana no contexto pós-moderno. Através da ambientação claustrofóbica de um metrô paralisado em Nova York, a autora constrói um microcosmo onde temas como o terrorismo, a tecnologia descontrolada, o multiculturalismo e a crise das identidades se entrelaçam, refletindo um mundo globalizado e desestabilizado. A utilização consciente de recursos estilísticos pós-modernos, não se configura como um mero exercício formal, mas como uma expressão estética coerente com a representação de uma realidade fragmentada e de sujeitos descentrados.

Por fim, o conto consolida-se como um exemplo literário da condição pós-moderna, no qual a escrita de Tereza Albués afirma-se como uma voz singular e crítica. Ao explorar a fragilidade das estruturas racionais e a fluidez das identidades em um cenário de medo e hibridismo, a autora não apenas representa o mundo contemporâneo, mas também oferece um instrumento de reflexão sobre ele. O conto, portanto, revela como a literatura pode dar voz ao descentramento e à pluralidade, afirmando-se como um espaço de conhecimento e resistência em uma era marcada pela descontinuidade e pela busca por sentido em meio ao caos.

Referências

ALBUES, Tereza. *Buquê de línguas*. Cuiabá, MT: Carlini & Caniato, 2008

CORTÁZAR, Julio. “Alguns aspectos do conto”. In: **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Perspectiva, 1974

FERNANDES, Gisèle Manganelli. “O pós-modernismo”. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria Literária. Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 4 ed. Maringá: EDUEM, 2019

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016

PIMENTEL, Kátia Aparecida. **Literatura e mulher: pluralidades femininas**. Cáceres: Editora UNEMAT, 2021